ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

O PÚBLICO E O PRIVADO EM EDUCAÇÃO

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

GERALDO SILVA DE OLIVEIRA

046p

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG Nº. 5426
Data 21 / 05 / 99

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Pontes e Lacerda – MT, setembro de 1998

Turma-1998/1 Ex.01

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

O PÚBLICO E O PRIVADO EM EDUCAÇÃO

Ensaio monográfico propositado na disciplina de Estágio Supervisionado da Língua Portuguesa e Literaturas do VIII Semestre do Curso de Licenciatura Plena em Letras, no Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT.

Pontes e Lacerda, setembro de 1998.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTEÇA

Não adianta querermos ser claros.
A lógica não convence, a explicação nos cansa.
O que é Claro não é preciso ser dito.

Noturnidade, de Cassiano Ricardo.

Dedico à minha filha Cheiene por sentir a minha ausência todas as noites em que fiquei envolvido em meus estudos.

SUMÁRIO

Introdução..... 06

I - O discurso pedagógico na escola..... 09

II - Escola pública e escola particular - pólos distintos..... 16

III - Professores: um mero instrumento..... 19

IV - Descrição e análise

1. Descrição das aulas..... 22

2. Síntese das aulas observadas..... 31

3. Entrevistas..... 33

V - Considerações finais..... 43

Bibliografia 45

Anexos..... 46

APRESENTAÇÃO

Desde o início do meu trabalho com a educação em 1988, através de encontros com professores e outros profissionais da educação, além da minha prática docente, tenho percebido que os professores da rede pública vêm enfrentando dificuldades em gerenciar o seu trabalho de docência.

Tais dificuldades estão relacionadas a aspectos como: formação, atuação fora da área de formação, recursos insuficientes e a imposição da instituição escola sobre a prática pedagógica e sobre o comportamento do professor, sendo este a meu ver, o principal problema. Tudo isto vem se refletir no aprendizado do aluno e na formação que este receberá.

Sendo o professor, até certo ponto, obrigado a seguir o ideal da instituição e, ainda, sendo prática comum no Município de Pontes e Lacerda, um mesmo professor atuar simultaneamente em escola pública e em escola particular, interessei-me em fazer um estudo sobre o comportamento[1] do professor que atua nas duas instituições simultaneamente.

Escolhi para a análise três professores que atuam nas escolas EEPSG Deputado Dormevil Faria, EEPSG 14 de Fevereiro, Fungasp e XV de Abril. Foram observadas quatro aulas de cada professor, duas em cada instituição onde o mesmo atua. As séries variam entre 6ª e 7ª nas disciplinas de Língua Inglesa, Língua Portuguesa, Ciências e Matemática. Foram observadas um total de doze aulas . Após a

---

[1] COMPORTAMENTO como conjunto de atitudes e reações do indivíduo em face do meio social. (Novo Dicionário Aurélio, AURÉLIO, 1986:441).

observação foi realizada uma entrevista com os professores por meio de um questionário (V. Anexos) no qual pude observar e analisar o relacionamento destes professores com as escolas e clientela para as quais trabalham.

Para a sustentação da análise busquei um referencial que tratasse de esclarecer os pontos abordados neste estudo: O Discurso Pedagógico na escola, O Conflito entre Escola Pública e Escola Particular e o Professor: um mero instrumento a serviço dos ideais das instituições nas quais trabalha. O passo seguinte é o de análise do corpus. Análise esta que será realizada através do confrontamento da observação em sala e os conteúdos das entrevistas realizadas com cada professor.

Tomo como ponto de partida o depoimento dos professores observados e entrevistados que apresentam um discurso que afirma que o seu comportamento não muda diante da prática pedagógica entre uma e outra instituição. A análise do corpus procura comprovar se o comportamento é o mesmo ou se sofre modificações de acordo com a mudança de clientela e instituições em que atuam.

Este trabalho será estruturado em cinco capítulos. O primeiro tratará do discurso pedagógico na escola e a relação professor/aluno/escola. No segundo capítulo será abordados os problemas existentes entre ensino público e o ensino privado. E ainda, neste mesmo capítulo, será feita algumas considerações sobre a educação entre as décadas de 50 e 80. No capítulo seguinte será levantada a questão do professor que atua em escolas pública e privada e a aceitação do "bico" na escola pública. Neste mesmo

capítulo será apresentado o professor visto como um instrumento nas mãos dos dirigentes da educação. O quarto capítulo será dividido em três partes a saber: a primeira parte trará a descrição das aulas observadas; a segunda parte sintetizará a primeira em forma de tópicos considerados como fundamentais para o trabalho; a última parte apresentará as entrevistas realizadas com os professores. No desenvolvimento deste capítulo será feita também a análise do corpus. O quinto e último capítulo será feita as considerações finais onde será demonstrado os anseios pretendidos para a melhoria da educação. Após desenvolvimento dos cinco capítulos será apresentado a bibliografia e os anexos compostos pelas anotações da sistematização dos dados e entrevistas.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTEÇA

O PÚBLICO E O PARTICULAR EM EDUCAÇÃO

I - O DISCURSO PEDAGÓGICO NA ESCOLA

No intuito de analisar o comportamento frente à prática pedagógica de professores que atuam em escola pública e escola particular, em primeiro plano faz-se necessário esclarecer alguns pontos que venham ao encontro deste estudo.

Inicialmente trataremos sobre o discurso e a tipologia do discurso em seu funcionamento. Para Eni Orlandi (1987:l5), caso o discurso pudesse ser distinto, isso se daria nas formas do discurso lúdico, discurso polêmico e discurso autoritário. Os três tipos de discurso são:

a) Discurso lúdico - o seu objeto se mostra como coisa enquanto seus interlocutores se expõem a essa presença resultando na polissemia aberta;
b) discurso polêmico - mantém a presença do seu objeto, mas os participantes não se expõem e procuram dominar o seu referente dando-lhe uma direção polissêmica controlada;
c) Discurso autoritário - o referente está oculto pelo dizer e não há interlocutores, mas um agente exclusivo - polissemia contida.

Segundo a autora o discurso pedagógico em questão se enquadra No discurso autoritário.

No critério de distinção dos três discursos há dois processos - o polissêmico e o parafrástico que poderão ser encontrados baseando-se no objeto do discurso e os interlocutores.

Considerando que o discurso pedagógico (DP) se insere entre os discursos do tipo autoritário devemos então caracterizá-lo enquanto tal.

Na comunicação pedagógica temos alguém (professor) que ensina algo para alguém (aluno) em algum lugar (escola). Enquanto discurso autoritário o DP aparece como discurso de quem detém o poder, que se julga auto-suficiente, tendo como meta o esmagamento do outro. Sendo assim, se o professor ensina ao aluno também o influencia (A ensina B = A influencia B). No esquema imaginário da imagem dominante (Pechêux in ORLANDI, 1987), o professor está na escala máxima do autoritarismo, com a produção de um

> "...*discurso individualizado em seu aspecto estilístico e de perguntas diretas e sócio-históricas: 'Não é verdade?' , 'Percebem?', 'Certo?'".* (ORLANDI, 1987:I7).

O professor na escola ou na sala de aula tem uma posição instituída de detentor do saber, e quem lhe dá este

poder é a própria instituição. Tudo o que ele diz para o aluno eqüivale ao saber, ou seja, para o professor dizer é saber.

> *"O professor é institucional e idealmente aquele que possui o saber e está na escola para ensinar, o aluno é aquele que não sabe e está na escola para aprender."* (ORLANDI, 1987:31).

O aluno aprende aquilo que o professor ensina e por sua vez está autorizado a dizer que sabe.

Nesta relação há a exploração do aluno, das representações que colocam o professor como autoridade enquanto o aluno fica como tutelado. Mas tudo isto faz sentido se pensarmos no fato de que o autoritarismo está incorporado nas relações sociais, na escola, no discurso. Para Orlandi (1987), na relação professor/aluno o discurso pedagógico (autoritário) coloca o ouvinte na posição de ouvinte e o locutor na posição de locutor. E onde está a linguagem está a ideologia. Ao falar em ideologia na linguagem Orlandi diz do *"confronto de sentidos"* segundo *ela "a significação não é imóvel e está no processo de interação locutor-receptor, no confronto de interesses sociais.* (IDEM, 1987:34). Para explicar a questão da ideologia e o discurso, Orlandi cita Chauí (1980), onde esta afirma que a ideologia está dentro de nós talvez porque tenhamos boas intenções. Para Orlandi a ideologia pode estar dentro de nós, mas independe de nossas intenções. E ainda citando Chauí,

Orlandi questiona: de quem então é a voz do discurso e quem está excluído desse discurso? – *"os professores"* - responde Chauí. O professor é o portador do discurso mas, está excluído do poder de decisão (desse ato de linguagem) quando é para decidir algo que *"trate do discurso do poder que se pronuncia sobre a educação definindo seu conteúdo, sua forma, seu sentido, sua finalidade".* (ORLANDI, 1987:35).

Ainda para Orlandi, os professores não estão excluídos do *"dizer-ato-decisão"* quando se trata do trabalho pedagógico. E ela também não vê o discurso autoritário como exclusão e sim dominação. Nesta relação de dominação o dominador não exclui o dominado, apenas o coloca em seu lugar (de dominado) . Mesmo o professor sendo crítico é a instituição que o fixa e o apresenta como mestre, e esta relação de autoridade é claramente marcada na relação de ensino. O professor, como já disse anteriormente, não participa das decisões relacionadas ao ensino, exceto no espaço da sala de aula.

Vejamos, por exemplo, que os objetivos educacionais apresentados nos currículos dos cursos são confusos e indiferentes à realidade social. De acordo com Lopes (1995:4l), a escolha dos conteúdos a serem trabalhados e feita de forma autoritária, deixando de fora o professor e os interesses e necessidades dos alunos . O professor entra como um transmissor de conhecimento, não dando oportunidade aos alunos de se tornarem críticos ou de fazerem uma análise crítica daquilo que estão estudando. Neste processo entra a

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

avaliação com provas objetivas que quando muito verifica a quantidade de conteúdos "assimilados" pelo aluno.

Nesta perspectiva o professor direciona o processo ensino/aprendizagem para longe *"dos condicionantes históricos, presentes na experiência de vida dos alunos"* (LOPES in VEIGA, 1995:42) . De acordo com Lopes in Veiga (1995), numa visão crítica de educação, a escola significa um *"local de acesso ao saber sistematizado historicamente acumulado"*. E acrescenta ainda citando Saviani que,

> *" a escola existe 'para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber'".*

Desta forma o conteúdo que é o próprio saber elaborado, não pode ser considerado como pronto e acabado, e sim dinâmico , portanto articulado dialeticamente com a realidade histórica. Deve ser dirigido de maneira a que ocorra simultaneamente a transmissão da cultura acumulada e a produção de novos conhecimentos. Isto significa um processo de reflexão permanente dos conteúdos aprendidos buscando analisá-los sob diferentes prismas,

> *"Significa ainda desenvolver a atividade de curiosidade científica, de investigação da realidade, não aceitando como conhecimentos perfeitos e*

acabados os conteúdos transmitidos na escola" (LOPES in VEIGA, 1995:44).

O resultado dessa relação dialética será estar sempre em busca da aplicação do que aprendeu sobre a realidade social com intuito de transformá-la. Para isto o professor tem que ter uma *"postura comprometida não só com o pedagógico, mas também com o social"*. Um comprometimento com uma educação política que fuja da ideologia dominante. (IDEM: 50). O professor deve participar com o conjunto de toda a comunidade escolar para planejar ou tomar qualquer decisão que seja inerente ao ensino/aprendizagem. E quando tudo isto vai ocorrer? Por hora *"a escola funciona como um mecanismo de controle"*, onde dirigentes lutam para se manter no poder. A direção, os funcionários, os professores e os alunos não cumprem o seu papel real e sim o que é determinado por um grupo dominante que cada vez mais vai fortalecendo sua permanência no poder. O próprio Estado, ao longo da história, tem proposto *conduzir "o processo educacional, veiculando formas pedagógicas a serviço dos interesses do poder"* (VEIGA e CARDOSO, 1995:II-22), podemos comprovar tudo isto ao analisarmos o conteúdo das LDBs.

Diante disto, segundo a autora, temos que refletir sobre a relação professor-aluno. Ser professor e ser aluno vai além da relação de ensinar e aprender. Ambos devem estar conscientes da sua participação no processo pedagógico para que não fiquem a mercê de ideologias das quais não gostariam de

participar e tampouco ser absorvidos pelo ritual escolar. Pois, são os professores e os alunos, os sujeitos definidores deste ritual escolar.. Por outro lado, sobre estes professores e alunos está a instituição interferindo em suas expectativas, controlando a sua conduta e estabelecendo os padrões que devem seguir (CUNHA in VEIGA, 1995:153).

> *"O ambiente institucional interfere no desempenho e nas relações professor-aluno. Quando a escola valoriza o professor como profissional e lhe permite melhorar seu desempenho, coloca em ação um mecanismo de ruptura do círculo vicioso que apresenta como intransponíveis às dificuldades inerentes ao seu papel e às condições de ensino de modo geral"*. (ÍDEM: 157).

II – ESCOLA PÚBLICA E ESCOLA PARTICULAR – Pólos distintos

As discussões a respeito do ensino público e do papel do Estado na difusão da Educação vem ocorrendo em forma de ciclos. Após longos debates e estudos voltam a novas discussões em torno do mesmo assunto: os problemas da educação pública no País.

As questões do ensino público no Brasil em confronto com o ensino privado remontam ao Brasil colônia e vem até o momento presente. Foram muitos os intelectuais que engajaram em campanhas em defesa da escola pública, mas que se deixaram levar pelo conflito com o ensino privado, sobretudo com a centralização do debate a respeito do controle de verbas públicas ligadas ao ensino médio, que no período de 1950, era dominado pela iniciativa privada.

Ao longo da história, com os vários conflitos entre o público e o privado, surgiram campanhas como a CNEA (Campanha Nacional de Educação de Adultos), em janeiro de 1958; Projeto Piloto Leopoldina, em março de 1958, entre outros. Com isto, assuntos como a alfabetização, educação pública de massas, correção dos altos índices de repetência e evasão escolar sequer foram mencionados nos debates. Os movimentos em defesa da escola pública não se preocuparam com a educação popular. O objetivo básico desses movimentos era a defesa do ensino público pelo medo da extinção da

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

gratuidade do ensino superior público, a diminuição das verbas para as universidades públicas e a proliferação das escolas particulares de nível superior. Mesmo com todos esses movimentos ocorridos até a década de 60, não ficamos hoje longe de tais ameaças. O Estado tende a passar a responsabilidade da educação para o setor privado, apesar da situação atual ser diversa do passado.

Os membros da elite procuram as melhores escolas particulares de 1° e 2° graus para se garantirem na universidade pública e gratuita. Enquanto isso, ocorre o oposto com as classes menos privilegiadas, que são obrigadas a enfrentarem a precariedade do ensino público de 1° e 2° graus. Com isto não conseguem chegar a uma universidade oficial gratuita. Se os membros desta última almejarem um curso superior terão que fazê-lo numa escola particular, quando conseguem chegar até lá. É a inversão dos papeis.

> *"O padrão de qualidade é definido pela elite, portanto, pela minoria. Assim o padrão de qualidade de algumas poucas escolas particulares de 1° e 2° graus corresponde aos níveis de excelência das universidades públicas, do mesmo modo que a massificação do ensino público de 1° e 2° graus corresponde a massificação das escolas particulares de 3° grau."* (SAVIANI,1987:14).

A defesa da escola pública pode ser de boa fé, no entanto concorre para o risco de estar favorecendo a minoria

que está na universidade ou que se aproxima dela. São os membros da elite que têm o poder nas mãos e detém o privilégio e, podem estar ampliando tais privilégios para atenderem a interesses particulares.

> *"Não esqueçamos que na sociedade capitalista, fundada na propriedade privada dos meios de produção, o público é sempre, ainda que de modo contraditório, privado." (IDEM:15).*

Com efeito, no intuito de defender o interesse da maioria, pode-se, de fato, estar contribuindo para a discriminação da classe menos privilegiada.

O Estado, com a política educacional implementada pelo Conselho Federal de Educação, patrocinou o processo de privatização da escola pública superior, através de constantes e sucessivas autorizações e reconhecimentos de tais processos. Com isto, mais de 70% das universidades brasileiras até a década de 80 já eram particulares. Na década de 50 nem se sonhava em um número tão elevado.

A estratégia do governo vem dando certo. E sendo assim, vem mantendo os privilégios da elite. Retirar o ensino público da tutela do Estado não é tarefa fácil. Os organismos representativos das camadas populares têm de exercer uma severa vigilância e controle sobre o destino das verbas públicas e sobre o ensino ministrado pelo governo.

III – PROFESSOR: Um mero instrumento

Em conversa com um colega de trabalho sobre a educação surgiu o assunto sobre o profissional de outra área que faz o chamado "bico" como professor. Isto não é estranho neste município e me remete a Silva quando diz que o

> *"Ensino não exige trabalho, não é trabalho. Ensino é 'bico', é improvisação, é reprodução de uma realidade estática." (SILVA, 1996:17).*

A escola é uma das raras instituições cujas atividades se permitem ficar em segundo plano. Um médico, um advogado, um engenheiro civil ou outro qualquer profissional exerce a função de professor e jamais o inverso. Um professor jamais entrará em uma sala de cirurgia a não ser como paciente. Na visão dos donos do poder *"o papel social do professor oscila entre o nada e coisa alguma: um mero objeto a ser trocado ao sabor do acaso."* (IDEM)

O professor que trabalha em mais de uma instituição, no intuito de garantir o sustento de sua família, fica *pulando* de uma escola para outra sem se firmar no seu papel de educador, como que veremos mais detalhadamente no decorrer deste texto. Pouco ou nada se tem feito para que o professor se firme em uma só escola (dedicação exclusiva), ou ainda que não mais se permita o "bico" na escola. Quanto mais ele se movimenta de um lado para outro maior é a instabilidade, maior a alienação e menor a crítica e a transformação.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Para os dirigentes da educação de nada valem as experiências adquiridas na prática pedagógica do professor, ele é considerado como uma entidade vazia de significados, que não gera benefícios sociais que possam ser vistos pela sociedade.

Este mesmo professor não é consultado em ocasião de tomada de decisão para o futuro da educação. A burguesia é quem elabora as leis conforme lhe convém e as manda executar. A classe oprimida e o professor vão engolindo tudo ou deixando atravessado na garganta coisas desse tipo. Em conseqüência disto, uma instituição cujos membros estão insatisfeitos não poderá proporcionar benefícios sociais. Enquanto na escola particular a greve é praticamente descartada, na escola pública é apenas uma das formas de manifestar a insatisfação da classe.

> *"Salário de fome, descontado devido a uma reivindicação justa. Aulas de reposição aos sábados e feriados para equilibrar o salário do mês seguinte. Agulhas chinesas fincadas na consciência do professor: dor, humilhação, descontentamento, frustração. Boneco coisificado perante a sociedade e, o que é pior, perante os seus próprios alunos. O ódio revigora..."* (IBIDEM).

O educador vai sendo sugado pouco a pouco, restando-lhe o desânimo e o cansaço. Uma cerca ideológica vai se

formando quase que invisível em volta do professor. Quando ele se dá conta, não lhe resta mais espaço para um trabalho transformador e criativo. E este mesmo professor vai educando profissionais para servir aos interesses dos burgueses.

> *"A profissionalização proposta visa a domestificação de indivíduos para servir às empresas: datilógrafos, marceneiros, torneiros mecânicos etc."* (IBIDEM:20).

Isto o professor não deve questionar e sim seguir cegamente. A manipulação do professor é milimétricamente planejada. Silva (1996), argumenta que, legalmente o professor é impedido da sindicalização e sem união da classe não há contestação. A nível estrutural os conhecimentos propostos pela escola são segmentados, o que isola e divide a classe. Levantam-se barreiras contra a atualização do professor: quanto menos ele souber melhor; ideologicamente é pregado uma única concepção de mundo: um Brasil ideal, distante do real, muito comum nos livros didáticos. Com relação ao salário, abaixam-se os valores da hora-aula a fim de automatizar o trabalho: mais aulas para sobreviver, menos tempo para se pensar em mudanças. O resultado é a alienação e a reprodução. Tudo isto são condicionantes que visam a manutenção da classe dominante no poder.

O PÚBLICO E O PARTICULAR EM EDUCAÇÃO

IV – DESCRIÇÃO E ANÁLISE

1- Descrição das aulas

O meu interesse em pesquisar como se dá o comportamento do professor diante de sua prática pedagógica, iniciou com a minha inclusão na educação em 1988. Desde aquela época, como já mencionei anteriormente, venho percebendo o descaso que se tem pelo ensino público de 1° e 2° graus e as dificuldades do professor em estar desempenhando o seu papel de educador.

Passada esta fase, onde me vi envolvido com a prática pedagógica, ingressei no curso de 3° grau, onde através das leituras, discussões e debates em sala de aula, agucei ainda mais a minha curiosidade sobre o tema em questão. Daí o fato de querer conhecer e tentar compreender o comportamento do professor que atua concomitantemente em duas instituições de ensino: pública e particular, dado o fato de esta ser uma prática comum em nosso município.

Em continuidade aos estudos sobre o assunto em questão fiz várias leituras que foram dando suporte teórico à minha pesquisa. Algumas leituras foram sugeridas por minha orientadora, muitas outras surgiram da necessidade em conhecer mais sobre o recorte ora feito. Durante a preparação tive conversas informais com professores e amigos que tem curso superior. Quando conversamos sobre este trabalho tive,

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTEÇA

por parte deles, incentivo para continuar na pesquisa. Nos primeiros contatos, também informais, com os professores que seriam por mim entrevistados e também observados, notei que eles não admitem haver mudanças de comportamento na sua atuação numa e noutra escola.

Ainda na preparação para ir a campo, entrei em contato com todos os professores que atuam nas escolas particulares e públicas e seus respectivos diretores. Houveram muitas dificuldades na aceitação por parte de alguns. Dois professores alegaram impedimentos não me aceitarem como estagiário em sua sala de aula. Outros dois deixaram de atuar em uma das duas escolas, fato que inviabilizava meu trabalho. Outro entrave foi ter que esperar uma professora que estava viajando e ainda a presença de oficiais da Marinha na cidade, que ocuparam os alunos a serem observados por uma semana, justamente no período do meu trabalho de campo.

Diante dos fatos ocorridos fui reelaborando os planos de estudo e adaptando meu trabalho conforme as necessidades. Uma vez resolvido os problemas, fui para a observação de 12 aulas no 1° grau entre 6ª e 7ª séries, nas escolas EEPSG Deputado Dormevil Faria, EEPSG 14 de Fevereiro, Fungasp e XV de Abril, totalizando 158 alunos de ambos os sexos. As disciplinas são Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Matemática e Ciências, sendo ministradas por três professores que daqui em diante serão chamados de professor A (PA), licenciado em Ciências; professor B (PB), com o Magistério (além de ter cursado três semestres no curso de letras; professor C (PC),

com licenciatura em Letras. As observações e entrevistas com os professores ocorreram no período compreendido ente 30 de julho e 25 de agosto de 1998.

O objetivo desta análise é mostrar as possíveis diferenças de comportamento dos professores que atuam concomitantemente no ensino público e particular, e os pontos que levam a ocorrer tal diferença dentro da prática pedagógica em uma e outra instituição de ensino. O intuito do trabalho é mostrar aos educadores que o professor tem que atentar para o fato de que a escola pública e sua clientela não pode ter a posição de segundo lugar dentro do processo educativo. Pois assim estará reforçando a posição privilegiada da elite que pode pagar o "saber" e, com o conhecimento mais elaborado alcançara a universidade com mais facilidade.

Estando em sala observando a aula do PA (aula de Ciências, 7ª série, 34 alunos), este entra e os alunos estão copiando um conteúdo de Matemática da aula anterior, eles pedem para continuar a atividade. O professor entrega para a sala uma folha mimeografada com o desenho de um coração e logo abaixo da gravura, algumas questões referentes ao conteúdo estudado. A atividade feita em dupla, de imediato é explicada pela PA: *"Faça a atividade sem a ajuda do livro. Faça tudo o que souberem. O que não der conta me chame"*. (Os alunos deverão nomear as partes do coração humano). Nenhum aluno reclama, dá sugestões ou faz qualquer questionamento ou crítica. Conforme vão terminando de copiar o conteúdo da aula anterior iniciam a atividade. Os alunos não estão muito

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

interessados, mas tentam fazer o exercício. Ao terminar a aula PA pede para os alunos levarem a folha para casa e como tarefa deverão trazer a atividade pronta a qual será corrigida em sala na próxima aula. Após a fala do PA um aluno pergunta quantos pontos vale a atividade, e ele responde com um sorriso e um gesto com o dedo acenando negativamente, indicando que a atividade não vale ponto.

Durante a aula percebi que PA consultou o livro didático de um dos alunos para conferir a resposta às questões propostas e os textos referentes à atividade. Os alunos, na maioria estavam quietos, não percebiam a importância da aula que por sua vez estava muito monótona e cansativa. São 34 alunos amontoados em um ambiente escuro, quente e depredado. A PA não consegue atender a todos individualmente e a aula vai transcorrendo sem o interesse dos alunos os quais demonstram não ter aprendido muita coisa. PA não utiliza uma linguagem rebuscada ou muitos nomes científicos, procura explicar o conteúdo de forma simples.

As condições do ambiente também contribuem para deixar a aula menos interessante (carteiras quebradas, paredes riscadas e ventilação ruim). Alunos e professor não demonstram estar à vontade durante duas aulas seguidas. Demonstram que esperam ansiosamente o final da aula.

A aula seguinte do mesmo professor foi em uma escola particular, com um número menor de alunos (25), sala também menor, com ventiladores, ar condicionado, boa iluminação, carteiras e pintura novas. A escola é localizada no centro da

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

cidade, elitizada, alunos bem vestidos e com aparência saudável.

O direcionamento que o professor dá para esta aula é diferenciado. As atividades são das pp. 05 a 09 da apostila (a escola utiliza material apostilado da 6ª série).

O assunto da aula é sobre as doenças transmitidas pela água. Aqui, nota-se que o professor segue o conteúdo conforme está na apostila, não usa material de apoio ou qualquer recurso em que possa desenvolver melhor sua aula. No início das atividades pede para os alunos terminarem o exercício (p. 09) que haviam começado na aula anterior, para fazer a correção posteriormente. Na correção dos exercícios ele faz a pergunta e o aluno lê a resposta que está em seu caderno. No decorrer da aula ficou claro que o professor, relaciona as gravuras com o conteúdo, explica a matéria detalhadamente, responde às dúvidas da classe, atende a todos individualmente. Um outro fato observado é a aceitação por parte do PA de respostas diversificadas, de acordo com o entendimento de cada educando e ainda ajuda os alunos na solução de problemas.

Os alunos cobram o esforço do professor, questionam e estão atentos à aula. Este utiliza uma linguagem bem mais rebuscada do que a utilizada com os alunos da escola pública. Usa palavras como "corrente sangüínea, fígado, baço, miocárdio, miracídio, vibrião, bactéria, etc. A linguagem de PA é direcionada a uma clientela que tem um poder aquisitivo maior que os da escola pública, alunos que normalmente não

trabalham, que têm seu tempo para estudar ou brincar, que têm mais contado com o mundo letrado. Pude perceber de forma concreta esta questão quando PA orientou seus alunos sobre a necessidade de se ter uma acompanhamento médico, exames laboratoriais, etc. Ao falar neste assunto ele expressou confiança no que estava dizendo, acreditando que os alunos tem tal conhecimento e tem o acompanhamento médico como rotina.

Durante a explicação da aula utilizou exemplos fora da realidade do município, mas possivelmente da realidade dos alunos que têm condições financeiras para viajar e conhecer outros lugares (falou muito sobre o mar durante a explanação do conteúdo). A utilização de nomes científicos ocorreu em toda a aula e sem "rodeios", de forma muito ampla. O contado com os alunos foi bem aproximado, contrastando com o seu relacionamento com os alunos da escola pública.

Vejamos a seguir como foram as aula do professor B (PB).

Este trabalha com a disciplina de matemática nas duas escolas observadas. As turmas são de 7ª série. As primeiras aulas foram na escola pública, com 23 alunos. A clientela e o ambiente é o mesmo da escola pública em que a PA leciona, visto que se trata da mesma escola.

Durante a primeira aula o PB aplicou uma prova objetiva, com exercícios de matemática. A avaliação foi passada na lousa e os alunos a copiaram em uma folha de caderno. Durante o período da avaliação o professor permaneceu em

pé, sobre uma carteira, nos fundos da sala. Com esta atitude percebi uma posição de ditador e observador. Os alunos ficaram inquietos e perguntaram muito à respeito das questões da prova. O professor deu poucas explicações para alguns dos alunos e quase ditou as respostas três alunos. Desta forma vi o tratamento desigual entre os alunos. À medida que terminavam a prova todos iam saindo para os corredores da escola.

Na aula seguinte o professor passou conteúdo novo na lousa (Produtos Notáveis); explicou os exercícios e ouviu os questionamentos dos alunos. Em seguida o PB falou sobre uma competição entre séries que haveria na escola.

A Segunda escola em que PB atua é particular e bem centralizada. O professor inicia a aula cobrando a tarefa dos alunos, explica os exercícios da apostila (Funções Algébricas).

Nesta escola ele trabalha com uma turma de 13 alunos, em um ambiente limpo, ventilado (com ar condicionado e ventiladores), carteiras e paredes com pinturas novas. Nesta escola PB demonstra se preocupar com os problemas dos alunos, explica os exercícios repetidas vezes. Os alunos questionam o professor quanto ao conteúdo e são bastante espontâneos e participativos. O material utilizado durante a aula foi a lousa, giz, caderno do aluno e apostila .

As aulas do PC que foram observadas inclui alunos de 6ª série, sendo Língua Portuguesa na escola particular e Língua Inglesa na escola pública.

O primeiro contado com a aula do PC se deu na escola pública. Após estar ausente da escola por mais de uma

semana fazendo um curso, ao retornar, perguntou aos alunos sobre o andamento da tarefa anterior que fora passada pela professora substituta, e logo em seguida passa um novo conteúdo na lousa, os alunos copiam no caderno. O conteúdo é extraído do livro didático utilizado na escola. São dois textos: o primeiro "Plural Of Nouns", é um conteúdo de inglês escrito em português, e o segundo texto "At the Market", em inglês. PC usou 16 minutos da aula para passar o primeiro texto na lousa e os alunos ocuparam mais 14 minutos para copiar. A explicação do conteúdo se deu em 07 minutos. Durante a exposição da aula o professor comparou o plural da Língua Inglesa com o plural da Língua Portuguesa citando alguns substantivos que fazem o plural em S e outros que o fazem de outras formas em ambas as línguas. Para passar o segundo texto foram mais 10 minutos da aula. Enquanto os alunos foram copiando o texto o professor dividiu a turma em duplas, distribuiu dicionários de Inglês/português, português/inglês para as duplas e em seguida explicou como se daria a atividade: todos deveriam sublinhar os substantivos do texto que estivessem no plural e traduzir o texto utilizando o dicionário. Nesta aula ele utiliza como recurso: livro didático, giz, lousa, caderno do aluno e dicionários. Durante a atividade ele se ausenta da sala cerca de 20 minutos, ao retornar se dirige a alguns alunos para dar explicações individualmente sobre a atividade. A aula termina sem que a atividade seja concluída. O professor não diz mais nada e sai da sala.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

O segundo contato com as aulas de PC foi na escola particular, aula de Língua Portuguesa. Os alunos estavam em sala, alguns nos corredores. O professor estava atendendo a uma mãe e só chegou na sala após 35 minutos do horário previsto para o início de sua primeira aula. A aula se deu da seguinte forma: ele entrou na sala e pediu para os alunos fazerem os exercícios 1, 2 e 3 da apostila (apostila 6ª série), individualmente e em seguida passou na carteira de cada aluno a fim de verificar se todos estavam executando a tarefa proposta. Ao término desta atividade ele chamou os alunos aleatoriamente, pelo nome, para responderem uma das questões dos exercícios (ler sua resposta para a sala), até concluir todas as respostas e a correção das questões. O conteúdo trabalhado trata de **adjuntos;** o texto se refere ao continente Europeu, a parques e zoológicos.

2. Síntese das aulas observadas

Resumindo as 12 aulas observadas (e conversas informais com os alunos) destacam-se alguns itens que devem ser relatados:

ESCOLA PÚBLICA:

a) clientela menos privilegiada;
b) alunos com aparência cansada, pouco saudável;
c) trabalham para ajudar no sustendo da família;
d) ambiente escolar: carteiras insuficientes e em mau estado de conservação, pouca ventilação, paredes riscadas e descascadas, muito barulho promovido por outros alunos que ficam nos corredores;
e) número de alunos: PA 34, PB 23 e PC 35;
f) material didático: lousa, giz, livro didático do professor e para alguns alunos,
g) professor passa grande parte do conteúdo na lousa;
h) explica conteúdo de forma geral, não entra em muitos detalhes (os alunos não fazem perguntas), não atende a todos os alunos individualmente;
i) professor se mantém distante fisicamente dos alunos (são muitos alunos para atender, a sala de aula é grande, os alunos se amontoam em blocos;
j) os alunos não se apresentam críticos, não questionam o professor e as aulas, fazem poucas perguntas sobre o conteúdo, querem que a aula termine logo para

saírem para o intervalo; não buscam conhecer mais sobre o que estão estudando;

ESCOLA PARTICULAR:

a) Clientela da classe média;
b) Alunos que não precisam trabalhar para ajudar no sustento da família;
c) Número de alunos: PA 25, PB 13 e PC 23;
d) Ambiente: salas bem arejadas, carteiras e pintura das paredes e quadro negros novas, ar condicionado, ventiladores e boa iluminação
e) Material didático: apostila , lousa e giz;
f) Professor passa apenas alguns exercícios na lousa;
g) Dá explicação geral e detalhada do conteúdo, cita muitos exemplos, inclusive fora da realidade local (mar, Europa, zoológico, parque etc.);
h) Atente a todos individualmente;
i) Há mais aproximação e diálogo com os alunos;
j) Há muita cobrança dos pais e da escola sobre o desempenho do professor;
k) Os pais cobram dos alunos aquilo que acham que devem aprender na escola e fazem o acompanhamento de seus filhos;
l) Os alunos cobram o desempenho do professor.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

3. Entrevistas

Após a observação das 12 aulas foi realizada a entrevista com os três professores (v. anexos). Como já abordado anteriormente, os professores, em conversas informais, não admitiram haver diferença em seu comportamento diante da prática pedagógica em ambas as escolas. A observação da prática do professor em sala nos apresenta os pontos supracitados que nos levam a perceber diferenças de comportamento na prática pedagógica. Comparando então as entrevistas e a prática tentaremos confirmar as diferenças em tal comportamento.

A primeira questão dirigida ao professor foi: Qual é a visão que você tem do seu trabalho nas duas instituições de ensino, levando-se em consideração que as duas são diferentes? Obtivemos as seguintes respostas:

PA – *"O meu trabalho desenvolve-se levando em consideração o objetivo das mesmas."*

PB _ *"A minha visão de trabalho é a mesma, visto que os objetivos são os mesmos: preparar o aluno para o exercício da cidadania, para ingressar com capacidade no mercado de trabalho, e no meu caso que trabalho com o 1º grau, também me preocupo com o preparo do aluno para as séries secundárias."*

PC _ *"Tento na medida do possível trabalhar da forma que acredito, visando uma aprendizagem contínua e integrada ao meio."*

Segunda questão: Há diferença visível entre a prática pedagógica numa e noutra escola? Havendo diferença a que você atribui tal fato?

PA _ *"Não."*

PB _ *"A diferença está mais visível no material pedagógico usado, que na escola particular é mais 'rico'. Na escola pública existe bons livros, mas nunca em quantidade suficiente para todos os alunos."*

PC _ *"Sim, atribuo essa prática pedagógica ao material apostilado, pois essa prática tem que ser seguida literalmente enquanto que o livro didático pode ser trabalhado buscando aquilo que está mais relacionado à realidade da comunidade."*

Para Cunha, a escola está sempre interferindo no trabalho do professor . Estes professores estão inseridos em ambientes diferentes e por sua vez também receberão interferências de forma diferenciada. O que vemos nas duas questões acima é que os professores atribuem a diferença do seu comportamento ao material didático: apostilado X livro didático. É uma forma que a instituição utiliza para interferir na prática docente do professor. O material apostilado das escolas particulares é direcionado a uma clientela específica e com objetivos também específicos que, na prática, é o de preparar o alunos para o vestibular, para o ingresso em uma universidade pública e gratuita. O professor que leciona em uma escola particular se vê como funcionário de uma empresa que lhe

paga o salário. Por trás disto, lhe cobra o desempenho de sua função e uma dessas cobranças é que ele siga o material que lhe é apresentado; que ele produza a sua aula em cima daquele conteúdo e que dê conta de passar tudo para os seus alunos. Tem também a cobrança dos pais e dos alunos, que estão pagando para ter aperfeiçoamento, o aprendizado que lhe confira o direito de se ingressar em um curso superior posteriormente.

> *"O ambiente institucional interfere no desempenho e nas relações professor-aluno. Quando a escola valoriza o professor como profissional e lhe permite melhorar seu desempenho, coloca em ação um mecanismo de ruptura do círculo vicioso que apresenta como intransponíveis às dificuldades inerentes ao seu papel e às condições de ensino de modo geral".* (CUNHA in VEIGA, 1995:157).

Tanto a escola pública quanto a escola particular não têm respeitado o professor e lhe dado condições necessárias para desenvolver o seu papel de educador. Sabemos que as condições físicas, o material didático e a organização de uma escola particular supera a escola pública.

De um lado está a escola particular oferecendo melhores condições aos alunos e professores, conforme já apresentamos anteriormente e comprovamos através do levantamento feito em campo. Do outro lado está a escola pública, e quase que no extremo, com todos os seus problemas. E o professor que atua

simultaneamente nas duas instituições vive no meio do conflito que as duas escola travam diariamente. Para estas escolas o professor é apenas alguém que faz parte do processo educativo e que tem sua posição titulada. Quem lhe dá o poder é a própria instituição escolar onde ele atua. Se é na escola particular o professor vai trabalhar conforme o poder que lhe é dado. As exigências da escola estão imbutidas neste poder que lhe é dado.

> "*O professor é institucional e idealmente aquele que possui o saber e está na escola para ensinar. O aluno é aquele que não sabe e está na escola para aprender*". (ORLANDI, 1987:31).

O da escola pública tem mais liberdade em conduzir sua prática pedagógica conforme as reais necessidades da comunidade escolar. No entrando esta liberdade deixa de ser aproveitada pelo professor quando este se depara com a clientela que não tem um propósito educacional definido e não está atenta à crítica, ao seu papel de educando. E, ainda , quando esta mesma clientela se encontre em um ambiente que não lhe proporcione o mínimo de conforto; que não lhe dê condições para a interação com o processo educacional. Se mudar o material didático, os recursos, o ambiente, etc. muda-se, necessariamente o comportamento do professor diante desta nova situação. Um dos professores entrevistados nos disse que "*A diferença é que na escola particular deve-se cumprir o*

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

programa e no estado temos a liberdade de mudar conforme a realidade, só que essa 'mudança' não tem nenhum acompanhamento e isso torna as coisas mais difíceis. Acredito que alguns professores corre o risco de não trabalhar nem uma coisa nem outra, por falta de um acompanhamento". Percebemos então que o educador estando em meios sociais diferentes suas reações e atitudes ocorrem de acordo com o meio em que ele estiver no momento.

Ao questionarmos o professor à respeito de como ele vê seu trabalho nas escolas pública e particular as respostas, apesar de diferentes, nos mostram que eles trabalham de acordo com ambiente em que atua e conforme a determinação daquela escola: responde que desenvolve seu trabalho de acordo com o objetivo da escola. Sabemos que a prática pedagógica envolve teoria, mas não é teoria, é prática mesmo, é o ato de desenvolver o trabalho em sala de aula. Sendo assim, não nos resta outra coisa senão reafirmar que a atuação do professor é diferente numa e noutra escola, seu comportamento se faz de forma a adaptar numa e noutra escola. O PC nos afirma que sua visão de trabalho é a mesma nas duas escolas em que trabalha. Teoricamente a visão pode ser a mesma, mas na prática isto não ocorreu, mesmo porque na prática o objetivo da escola se dá de uma forma e na teoria se dá de outra.

Prosseguindo com a entrevista notamos que o professor percebe, apenas superficialmente, a diferença entre escola pública e particular em que atua e como se dá o ensino nas duas escolas, mas não entende o porquê das diferenças. A

este mesmo professor não é dado a oportunidade de fazer as mudanças necessárias para o melhor desenvolvimento da educação. Estando dentro da sala de aula ele é o portador do discurso, mas no âmbito dos dirigentes da educação ele está excluído do poder de decidir algo que "*trate do discurso do poder que se pronuncia sobre a educação*". (ORLANDI, 1987:35).

A instituição escola não está interessada em deixar o professor livre para pensar e o professor muitas vezes está consciente disto. Quando perguntamos se eles discordam em algum ponto dos objetivos das escolas em que trabalham, percebemos um certo medo em se posicionar, pois atribuíram a sua discordância apenas quanto ao uso do material didático: o apostilado da escola particular, que deve ser seguido cegamente e, o livro didático da escola pública; o sistema de avaliação, os métodos e, ainda, por estar em posição extremada, a escola particular é muito rígida, autoritária, exige muito. Por outro lado a escola pública deixa alunos e professores ao sabor das ondas, à vontade.

As exigências da escola particular e o descaso da escola pública de 1° e 2° graus pode ser entendido (mas não aceito), se compreendermos os conflitos ocorridos desde a década de 50, e até antes disto, entre o público e o privado. E também a quem tais conflitos sempre mais interessou e foi direcionado.

> *"O padrão de qualidade é definido pela elite, portanto pela minoria. Assim o padrão de qualidade de algumas poucas escolas particulares de 1° e 2°*

Campus Universitário de Rondonópolis - MT
BIBLIOTECA

> *graus corresponde aos níveis de excelência das universidades públicas, do mesmo modo que a massificação das escolas públicas de 3º grau".* (SAVIANI, 1987:14).

Nada é feito na educação sem que esteja de acordo com os interesses particulares da elite dominante. A escola particular que é uma empresa que visa lucros, tem uma clientela com um poder aquisitivo suficiente para lhe sustentar. O vínculo do professor com esta escola não é o mesmo da escola pública (que também devemos levar em consideração). Na primeira existe o patrão, dono do meio de produção, e o empregado que vende sua força de trabalho. Este último se não estiver satisfeito é demitido como qualquer outro funcionário de uma empresa privada. A escola pública, por sua vez não dá muito, mas também não exige muito e não demite o professor. Tanto para uma como para outra instituição ensinar é problema do professor e não se fala mais nisso, ainda que ambos lidem com o professor de modo diferente no que diz respeito ao vínculo empregatício.

> *"Ensino, não exige trabalho, não é trabalho, é improvisação, é reprodução de uma realidade estática".* (SILVA, 1996:17).

Se o ensino é uma mera reprodução de uma realidade estática então como fica as finalidades sociais da escola? Os professores entrevistados afirmam que há diferença nas

finalidades sociais da escola pública e particular, mas teoricamente isto não é admitido. A escola particular visa a universidade, ou seja, alcançar status levando o maior número de alunos a alcançar uma universidade, de preferência pública e gratuita. Isto é uma forma de manter a elite no poder. A escola pública conduz o ensino para lugar nenhum, obrigando desta forma seus alunos a enfrentarem a escola particular superior, isto se o alunos conseguirem romper todas as barreiras que encontra no 1° e 2° grau e se tiverem condições de pagar. Desta forma esta última está contribuindo para a massificação do ensino público. O professor é o contribuinte direto para a permanência dessa situação quando ele se deixa cercar pela ideologia imposta nas escolas particulares.

Silva (1996), argumenta que o ensino é visto com "bico". Qualquer profissional liberal pode fazer "bico" na educação. O professor que trabalha em duas escolas, como é o caso que estamos estudando, corre o risco de se enquadrar como um profissional que trabalha na escola particular e faz "bico" na escola pública. Não tem como estar dando exclusividade em ambas as instituições. A escola particular suga o professor ao máximo e quando este vai para a escola pública não lhe resta mais nada senão o cansaço e o descontentamento. Fingir diante dos alunos de nada resolve. O professor que trabalha em mais de um lugar para garantir o sustento da família não consegue se firmar, se dedicar nas duas escolas ao mesmo tempo. E nada ou muito pouco se tem feito para mudar esta situação para que haja a dedicação exclusiva do professor.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Quanto mais o professor se movimenta de um lado para outro, menor é o seu tempo, maior a instabilidade e a alienação; menor também a crítica e a transformação que ele pode provocar. Tudo isto vai se afunilando até chegar ao alunos, especialmente os da escola pública, que sofre todas as conseqüências e que são conhecidas a muito tempo: o aluno não aprende, não se desenvolve, não se habilita a ingressar numa universidade pública.

Na escola particular o aluno tem o privilégio, pelo menos de prestar um vestibular e ser aprovado (O material apostilado lhe prepara para isto). Saber o que quer já é um grande passo. A cobrança dos pais que pagam os estudos de seus alunos, e o acompanhamento do ensino possibilita aos alunos afirmar-se na escola, mas não como estudante crítico dentro e fora da sala de aula.

Os professores confirmam que os alunos da escola particular tem maior poder econômico e os recursos da escola são maiores. Os alunos são mais interessados e sabem o que querem, portanto cobram a dedicação do professor, mesmo porque ele se acham no direito de ter o melhor.

Como comentado anteriormente, o professor dentro deste círculo vai sendo sugado. Em volta dele vai se formando uma cerca ideológica quase que invisível. Quando ele se dá conta está acondicionado aos interesses do poder, não lhe restando forças para desenvolver um trabalho crítico e transformador.

> *"O papel social do professor oscila entre o nada e coisa alguma: um mero objeto a ser trocado ao sabor do acaso".* (IDEM).

É assim que ele passa a ser visto pelos donos do poder.

Para Lopes in VEIGA (1995), a escola, alunos e professores, além de seus dirigentes, não estão exercendo o seu real papel na sociedade. Ensinar não é reproduzir conhecimento ou trabalhar com conteúdos estáticos. O educador não pode ficar à mercê do interesse de uma determinada classe social e sim desempenhar o seu papel de educador. Ele deve levar seus alunos a uma análise crítica da realidade e do conteúdo que está estudando. Seguir uma apostila cegamente como vem ocorrendo na escola particular, simplesmente porque a escola quer se manter no poder ou apenas usar o livro didático na escola pública e não se dedicar à clientela de baixa renda é colocar-se do lado da elite, ou melhor, é servir ao poder de forma dupla.

A escola não é isto. Ela tem a sua função específica a escola significa *"...local de acesso ao saber sistematizado historicamente acumulado."* E ainda *"A escola existe para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber".* (LOPES in VEIGA, 1995:42).

UFMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluída a análise do corpus percebi que os professores negam, em conversa informal a existência da diferença no seu comportamento frente a prática pedagógica entre escola particular e escola pública, no entanto em sua prática pedagógica e ao longo da entrevista eles afirmam, mesmo sem querer, que tal diferença existe.

Os educadores que fizeram parte do corpus direcionam o seu trabalho de forma diferenciada mudando o seu comportamento de acordo com a clientela, a escola, os recursos por ela oferecidos e, as exigências de cada instituição.

Esta diferenciação não se dá de forma escancarada, visível a um simples olhar. Para percebê-la fez-se necessário um aprofundamento nas teorias e um estudo detalhado do material colhido em campo.

Estudar o conjunto de atitudes e reações do professor face ao meio social, ou seja, estudar o seu comportamento diante da sua prática pedagógica não é tarefa fácil, pois envolve o professor e seus alunos e um jogo de interesses e conflitos entre as classes. O professor é fruto de uma imposição ideológica que serve aos anseios da classe dominante.

Como educadores temos que combater ardentemente essa ideologia, se quisermos modificar a nossa forma de

pensar e de ser. Sendo assim, poderemos modificar também o tipo de educação que pretendemos.

Meu propósito neste trabalho, foi o de tentar apresentar ao professor o perigo que este corre em estar fazendo o jogo de uma elite dominante ao atuar como "bico" na escola pública e dedicar-se ao máximo na escola particular, o que o leva a modificar o seu comportamento. Espero ter contribuído com a educação de algum modo, pois através deste estudo pode-se perceber mais fortemente que a prática pedagógica é uma prática política.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

BIBLIOGRAFIA

GENTILLI, Pablo (Org.) Adeus à escola pública, a abordagem neoliberal, a violência do mercado e o destino da educação das maiorias In.: Pedagogia da Exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação. Petrópolis – RJ. Vozes, 1995.

MOITA LOPES, Luiz Carlos da. Oficina de Lingüística Aplicada :A natureza social dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas, SP. Mercado Aberto, 1996-37-77.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. Pontes. Campinas-SP, l987: l5 - 38.

Parâmetros curriculares Nacionais: Apresentação dos temas transversais, ética/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília –MEC/SEF, 1997.

SAVIANI, Dermeval. Ensino público e algumas falas sobre universidade, Cortêz. São Paulo, 1987.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. O professor e o combate à alienação imposta. Cortêz. São Paulo.1996.

VEIGA, Ilma P. A. e CARDOSO, Maria Helena Fernandes.Escola fundamental: currículo e ensino. Papirus. Campinas-SP, 1995: 11 - 22.

VEIGA, Ilma Passos de Alencastro (coord.). Repensando a didática. Papirus, Campinas-SP, 1995: 41 - 52.

ANEXOS

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

PROFESSOR: "B" 30/julho/1998

ITEM	Esc.: I –Série: 7ª - Disc. :MATEMÁTICA	Esc.:III Série: 7ª Disc.: MATEMÁTICA
Professor com relação aos alunos: disciplina	**Os alunos conversam muito e o professor chama a atenção chamando pelo nome sem gritar; a primeira aula é para prova, passa a prova na lousa e depois sobe em uma carteira nos fundos da sala e fica observando os alunos. Alguns alunos pedem licença para se levantarem; todos ficam muito à vontade para fazer a avaliação; conversam muito;**	**-O professor entra na sala e está a maior algazarra** **-pega a apostila e pede silêncio** **-os alunos vão até ao professor para pedir explicação de como fazer os exercícios** **-todos sentam com quer.**
Tipos de exercícios	**Cálculos matemáticos (a+b)2 = (a+b).(a+b2)=** **Os alunos copiam os exercícios do livro didático**	**Cálculos matemáticos** **Os alunos vão fazendo os exercícios na apostila e conferindo o resultado com o professor**
Como são dirigidos os trabalhos extra-classe e como são cobrados dos alunos		**Cobra os exercícios dos alunos perguntando que já o fez.** **Passa tarefa**
Professor demonstra conhecer os alunos e se se preocupa com os problemas que vão surgindo em sala	**Chama os alunos pelo nome; os alunos vão até ao professor para pedir ajuda na hora da prova; o professor dialoga com os alunos e vai explicando ou dando dicas de como fazer os exercícios na avaliação.**	**-Se preocupa com problemas relativos à aula** **-chama os alunos pelo nome (às vezes pelo apelido)**
QUANTO AO TABALHO COM O CONTEÚDO: está sempre renovando	**Trabalhou com produtos notáveis; explica o conteúdo; coloca os exercícios na lousa; ouve os questionamentos dos alunos. Fala sobre uma competição que haverá na escola entre série sobre conteúdos de matemática, dá algumas explicações de como se processará o evento. Os alunos participam da aula e o professor explica dois tipos que se pode resolver os exercícios para se chegar a um mesmo resultado.**	**<u>Divisão de frações algébricas</u>** **-não faz introdução, passa o exercício e começa a explicar o conteúdo. Não explica qual o emprego do exercício, ou seja, em que situação tal cálculo poderá ser usado.**
Usa material de apoio	**Não.**	**O professor usa apenas a apostila.**

Passa conteúdo na lousa	**A avaliação na primeira aula e o conteúdo da segunda aula foram passados na lousa.**	
Que tipos de exemplos utiliza na explicitação dos conteúdos		
COMO SE DÁ A RELAÇÃO PROFESSOR/ ESCOLA/ ALUNO: transparece no professor tipos de argumentos impostos pela instituição: horário para se fazer as atividades, para entrar ou sair da sala de aula, de entregar notas, diários	**O professor demonstra o que pede este item.** **Os alunos sabe as datas do calendário letivo, quando o professor tem que entregar o diário, inicio e término do bimestre, etc.**	
Chamada dos alunos	**O professor traz o diário para a sala mas não faz a chamada dos alunos. O professor não registra as aulas diariamente, deixa para fazer o registro no final do bimestre.**	**Não**
Unif/dep/mat.	**A maior parte dos alunos usam uniforme padronizado da escola; a sala de aula está em mau estado de conservação: pintura descascando, riscada, carteiras quebradas, ventilação insuficiente.** **Obs.: A clientela é aparentemente de classe baixa. Este fator**	**Todos de uniforme, não tem carteira estragadas paredes risca, cor suave das**

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

	foi percebido através do vestuário dos alunos e seus materiais individual (canetas, bolsas e outros acessórios).	

PROFESSOR: "C"

ITEM	Esc.: II –Série: 6ª - Disc. :Língua Portuguesa	Esc.:IV Série: 6ª Disc.: Língua Inglesa
Professor com relação aos alunos: disciplina	**A professora estava atendendo a uma mãe de aluno, iniciou a aula faltando 15 minutos para o término da primeira aula.**	**-Chama a tenção dos alunos em voz baixa, alunos quietos, controla a disciplina dos alunos.**
Tipos de exercícios	**-Iniciou pedindo para os alunos fazerem os exercícios 1, 2 e 3, da apostila, individualmente e foi passando na carteira de cada um para para resolver.**	**Trabalho em grupo – faz a divisão da sala em duplas, distribui dicionários, pede para fazerem a tradução do texto que fora passado na lousa; pede para destacarem as palavras que estiverem no plural.**
Como são dirigidos os trabalhos extra-classe e como são cobrados dos alunos	Deu como tarefa o exercício número um para ser completado pelos alunos.	**Pergunta sobre o andamento da tarefa anterior que fora passada pela professora X (sua substituta)**
Professor demonstra conhecer os alunos e se se preocupa com os problemas que vão surgindo em sala	**Este item não foi percebido.**	
QUANTO AO TABALHO COM O CONTEÚDO: está sempre renovando	**Trabalho com exercícios da apostila; explicação dos adjuntos; texto que se refere muito ao continente Europeu, zoológicos e parques (CLASSE MÉDIA/ALTA); explica como fazer os exercícios a classe toda e depois vai dando explicações individuais. Depois de feito cada aluno vai lendo a resposta para a sala conforme indicação da professora.**	PLURAL OF NOUNS –conteúdo de inglês passado em português. Passa um texto em inglês e pede para fazerem a tradução/sublinhar as palavras no plural (em inglês) - TEXTO "At the Market"
Usa material	**Não. Só a apostila (Positivo)**	**Dicionário Inglês/Português – Português/Inglês**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

de apoio		
Passa conteúdo na lousa	**Passa apenas os exercícios para dar a explicação para os alunos.**	**Passa o conteúdo na lousa, os alunos copiam no caderno. Levou 16 minutos passando o conteúdo e os alunos demoraram mais 14 minutos para terminar de copiar; o conteúdo é explicado em 07 minutos; são mais 10 minutos para passar o texto do exercício (foram duas aulas)**
Que tipos de exemplos utiliza na explicitação dos conteúdos		**Compara o plural da Língua Portuguesa com o da Língua Inglesa – cita algumas semelhanças (aqueles que fazem plural com S e outros que não o fazem)**
COMO SE DÁ A RELAÇÃO PROFESSOR/ ESCOLA/ ALUNO: transparece no professor tipos de argumentos impostos pela instituição: horário para se fazer as atividades, para entrar ou sair da sala de aula, de entregar notas, diários		
Chamada dos alunos	**Não fez a chamada.**	No final de duas aulas.
Unif/dep/mat.	**Usam uniforme; sala pequena (cerca de 20 alunos), bem**	**Alguns alunos não estão de uniformes**

	arejada, com condicionador de ar e ventiladores, boa iluminação.	

BIBLIOTECA

PROFESSOR: "A"

ITEM	Esc.: I –Série: 7ª - Disc. :Ciências	Esc.:II Série: 5ª Disc.: Ciências
Professor com relação aos alunos: disciplina	**Os alunos não reclamam da atividade e se organizam em duplas; não apresentam problemas de indisciplina; não saem da sala; a professora utiliza a expressão "gente" para chamar a atenção dos alunos quando estes começam a falar muito alto.**	**Chama atenção dos alunos com calma e silêncio**
Tipos de exercícios	**Trabalho em dupla; a professora explica a atividade; distribui uma folha e diz que é para os alunos fazer o exercício sem olhar no livro didático, se não souberem é para pedirem ajuda à ela.**	**Exercícios da apostila p.09; pede para terminarem o exercício para posteriormente fazer a correção; lê a resposta de cada questão contida na apostila do professor e os alunos vão conferindo suas respostas e fazendo a correção; as respostas são dadas no caderno.**
Como são dirigidos os trabalhos extra-classe e como são cobrados dos alunos	**Pede para levarem a folha mimeografada com a atividade para casa e trazerem na próxima aula para ser corrigido.**	
Professor demonstra conhecer os alunos e se se preocupa com os problemas que vão surgindo em sala	**Dá um tempo para copiarem a aula anterior (de outro professor), aula de matemática que estava na lousa.** **A professora vai atendendo as solicitações dos alunos individualmente** **Explica que a atividade levará a saber onde os alunos estão errando para que se possa fazer a correção posteriormente e novos exercícios onde estão tendo mais dificuldades.** **A professora vai anotando os problemas apresentados pelos alunos em sua agenda.**	**Responde às dúvidas dos alunos; vai até á carteira; responde individualmente; explica detalhadamente as questões dos exercícios a alguns alunos;** **Há participação dos alunos na aula;** **Aceita respostas diversificada.**
QUANTO AO TABALHO COM O CONTEÚDO: está sempre renovando		**Doenças transmitidas pela água pp. 05-09 da apostila "Positivo"** **Relaciona o conteúdo com as gravuras** **Uma aluna dá a resposta incompleta e a professora considera como certa e pede para a aluna completar a resposta**
Usa material	**Folha mimeografada com os exercícios.Utiliza o,livro didático**	**Material apostilado (Positivo)**

de apoio	**do aluno – pp. 82-83. LD**	
Passa conteúdo na lousa	**Não**	**Não.**
Que tipos de exemplos utiliza na explicitação dos conteúdos		**Usa "mar" como exemplo fora da realidade local, mas possivelmente do contexto de alguns alunos. (classe média)**
COMO SE DÁ A RELAÇÃO PROFESSOR/ ESCOLA/ ALUNO: transparece no professor tipos de argumentos impostos pela instituição: horário para se fazer as atividades, para entrar ou sair da sala de aula, de entregar notas, diários	**A professora chegou no horário e não perdeu tempo para direcionar os trabalhos.**	
Chamada dos alunos	**Não foi feita**	**Faz a chamada pelo número do aluno.**
Unif/dep/mat.	**Não se fala em uso de uniforme, mas a maioria deles estão usando; má conservação do ambiente; carteiras quebradas e**	**Todos com o uniforme da escola.**

Campus universitário de Patos e Lagoa Seca - PB
BIBLIOTECA

	desconfortáveis; são muitos os alunos para serem atendidos individualmente	

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

ENTREVISTA

PROFESSOR: "A"
ESCOLA: I e II
SÉRIE: 5ª e 7ª Séries DISCIPLINA: Ciências
FORMAÇÃO: Licenciatura em Ciências

01 - Qual é a visão que você tem do seu trabalho nas duas instituições de ensino, levando-se em consideração que as duas são diferentes?

"O meu trabalho desenvolve-se levando em consideração o objetivo das mesmas".

02 - Há diferença visível entre a prática pedagógica numa e noutra escola? Havendo diferença a que você atribui tal fato?

Não.

03 - Você sendo conhecedor dos objetivos das duas escolas em que trabalha, no que você discorda numa e noutra? Qual o motivo da discordância?

Não vejo discordância, e sim métodos, ou seja, objetivos diferentes.

04 - Você vê diferenças nas *finalidades sociais* da escola particular e da escola pública nas quais leciona? Justifique.

Na escola particular o estudo é voltado, visando uma universidade.

05 - Você participa das decisões da escola, como planejamento, método etc.?

Sim.

06 - Você percebe diferenças nos alunos de ambas as escolas? Quais?

Sim. Na maioria, condições sócio-econômicas.

07 - Existe diferença na sua relação com os diretores de uma e outra Instituição?

Não.

08 - Existe diferença no aproveitamento dos alunos das duas escolas? Se existe, a que você atribui tal diferença?

Uma, o interesse.

09 - Em qual das Instituições você sente mais prazer em trabalhar? Por que?

(EM BRANCO)

SUGESTÕES PARA ESTA PESQUISA:

(EM BRANCO)

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

ENTREVISTA

PROFESSOR: "B"
ESCOLA: I e III
SÉRIE: 7ª DISCIPLINA: Matemática FORMAÇÃO: Magistério

01 - Qual é a visão que você tem do seu trabalho nas duas instituições de ensino, levando-se em consideração que as duas são diferentes?

A minha visão de trabalho é a mesma, visto que os objetivos são os mesmos: preparar o aluno para o exercício da cidadania, para ingressar com capacidade no mercado de trabalho, e no meu caso que trabalho com o 1° grau, também me preocupo com o preparo do aluno para as séries secundárias.

02 - Há diferença visível entre a prática pedagógica numa e noutra escola? Havendo diferença a que você atribui tal fato?

A diferença está mais visível no material pedagógico usado que na escola particular é mais "rica". Na escola pública existe bons livros, mas nunca em quantidade suficiente para todos os alunos.

03 - Você sendo conhecedor dos objetivos das duas escolas em que trabalha, no que discorda numa e noutra? Qual o motivo da discordância?

Nos dias atuais discordo do sistema avaliativo das duas escolas em que trabalho: a particular por ser rígida demais e a pública por facilitar demais as coisas para o aluno. Como trabalho nas duas, em minha matéria tenho procurado dosar as coisas, não sendo muito rígido nem muito "bonzinho".

04 - Você vê diferenças nas *finalidades sociais* da escola particular e da escola pública nas quais leciona? Justifique.

Não. O que vejo é a dedicação maior do professor na escola particular, mesmo porque há mais cobranças por parte dos pais e dos próprios alunos desta última escola.

05 - Você participa das decisões da escola, como planejamento, método etc.?

Sim.

06 - Você percebe diferenças nos alunos de ambas as escolas? Quais?

Sim. Melhores condições de estudos, não precisam trabalhar. Se interessam mais pois, sabem da necessidade da educação escolar, entre outros. (Percebe-se que esta resposta é dirigida à escola particular)

07 - Existe diferença na sua relação com os diretores de uma e outra Instituição?

Não.

08 - Existe diferença no aproveitamento dos alunos das duas escolas? Se existe, a que você atribui tal diferença?

Sim. Os alunos da escola particular em sua maioria têm melhor aproveitamento porque têm melhores condições de estudos.

09 - Em qual das Instituições você sente mais prazer em trabalhar? Por que?

Não sinto esta diferença. Eu faço o que gosto e me realizo em ambas as escolas.

SUGESTÕES PARA ESTA PESQUISA:
(EM BRANCO)

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

ENTREVISTA

PROFESSOR: "C"
ESCOLA: II e IV
SÉRIE: 6ª DISCIPLINAS: Língua Portuguesa e Língua Inglesa
FORMAÇÃO: Licenciatura em Letras

01 - Qual é a visão que você tem do seu trabalho nas duas instituições de ensino, levando-se em consideração que as duas são diferentes?

Tento na medida do possível trabalhar da forma que eu acredito, visando uma aprendizagem contínua e integrada ao meio.

02 - Há diferença visível entre a prática pedagógica numa e noutra escola? Havendo diferença a que você atribui tal fato?

Sim, atribuo essa prática pedagógica ao apostilado, pois essa prática tem que ser seguida literalmente enquanto que o livro didático pode ser trabalhado buscando aquilo que está mais relacionado à realidade da comunidade.

03 - Você sendo conhecedor dos objetivos das duas escolas em que trabalha, no que você discorda numa e noutra? Qual o motivo da discordância?

Não concordo com o apostilado e nem com o livro didático em alguns aspectos. A diferença é que na escola particular deve-se cumprir o programa e no Estado temos a liberdade de mudar conforme a realidade, só que essa "mudança" não tem nenhum acompanhamento, isso torna as coisas mais difíceis. Acredito que alguns professores corre o risco de não trabalhar nem uma coisa nem outra, por falta de um acompanhamento.

04 - Você vê diferenças nas *finalidades sociais* da escola particular e da escola pública nas quais leciona? Justifique.

Não. As duas têm a mesma ideologia: trabalhar com os alunos para que tenham uma visão ampla do conhecimento

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT

teórico e de mundo. Porém essa ideologia não funciona em nenhuma.

05 - Você participa das decisões da escola, como planejamento, método etc.?

Na medida do possível.

06 - Você percebe diferenças nos alunos de ambas as escolas? Quais?

Sim. Na escola particular existe cobrança pelos pais por uma garantia de conteúdos programáticos, já na Estadual isso fica a critério do professor.

07 - Existe diferença na sua relação com os diretores de uma e outra Instituição?

De forma nenhuma.

08 - Existe diferença no aproveitamento dos alunos das duas escolas? Se existe, a que você atribui tal diferença?

Sim. Existe. Na minha opinião e pelo tempo que trabalho nas duas instituições atribuo isso ao fator econômico. Na escola particular os recursos são maiores e também há o acompanhamento aos alunos pelos pais.

09 - Em qual das Instituições você sente mais prazer em trabalhar? Por que?

(EM BRANCO)

SUGESTÕES PARA ESTA PESQUISA:

(EM BRANCO)